

**ATIVIDADE DE PESQUISA NA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO:  
PASSADO, PRESENTE E FUTURO**

Go TANI\*

## INTRODUÇÃO

A função da universidade é ainda objeto de muita discussão no meio acadêmico. Promovem-se seminários e mais seminários para debatê-la. Para a sociedade, no entanto, isso pode parecer um tanto estranho, pois, em se tratando de uma estrutura criada intencionalmente para um fim específico, não deveria existir muitas dúvidas a respeito. Evidentemente, isso não significa que a função da universidade seja imutável, mesmo porque a sociedade em constante transformação dela exige um comportamento dinâmico. De qualquer forma, apesar de existirem visões diferentes, há um reconhecimento geral de que o ensino, a pesquisa e os serviços de extensão são as três atividades-fim da universidade.

Todavia, na prática, as diferentes unidades que compõem uma universidade podem atribuir maior ou menor ênfase a uma dessas atividades, em razão de suas peculiaridades. Muitas acabam até mesmo sendo melhor reconhecidas e identificadas em decorrência de sucessos obtidos nessa definição de prioridade. Para outras, no entanto, essa definição pode não ser uma questão de escolha, mas sim de uma necessidade imposta pelo próprio estágio evolutivo em que se encontra a área. Por exemplo, em áreas ainda incipientes em termos acadêmico-científicos, a ênfase recai, inevitavelmente, no ensino e ou na extensão. Mesmo respeitando essas particularidades, em termos genéricos, a expectativa é de que, em se pertencendo a uma universidade, as unidades que a compõem desempenhem as três atividades apropriadamente, e mais que isso, de forma integrada.

Certamente, esse quadro de expectativas não se aplica às faculdades ou instituições de ensino superior isoladas em que, com raras exceções, as atividades se restringem ao ensino. A extensão é limitada e a pesquisa, especialmente, é invariavelmente prejudicada ou negligenciada em função do seu alto custo operacional tanto de recursos humanos como de materiais.

Nas chamadas universidades integradas de grande porte, por outro lado, apesar da compreensão de que as três atividades são indissociáveis e necessitam ser desenvolvidas de forma integrada, a ênfase tem sido colocada na pesquisa. Daí atribuir-se a essas universidades a denominação de universidades de pesquisa. Vários argumentos têm sido apresentados para justificar essa estratégia institucional. Por exemplo, o entendimento de que a excelência no ensino é impossível de ser obtida sem a retaguarda da pesquisa que o alimenta e realmente continuamente. Da mesma forma, a compreensão de que a extensão tende a se tornar uma atividade assistencial de qualidade duvidosa quando não apoiada em pesquisa. Além disso, é nessas universidades que se encontra a maior concentração de cursos de pós-graduação, e sabe-se que a pós-graduação sem a pesquisa é absolutamente inviável. Por fim, há sempre a justificativa de que pesquisa, em nosso país, se faz nas universidades, pois elas foram originalmente concebidas para tal. Esses argumentos, no seu conjunto, têm sustentado a pesquisa como o carro

---

\* Chefe do Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

chefe dentro dessa tríade ensino-pesquisa-extensão nas universidades integradas.

Entretanto, a história das universidades brasileiras revela que muitas delas não foram criadas originalmente com essa configuração, ou seja, como um conjunto integrado de unidades cobrindo um grande número de áreas de conhecimento. Existem exceções, como a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade de Brasília, mas várias universidades começaram a funcionar com poucas unidades e foram se estruturando e crescendo, gradativamente, através da incorporação de diversas faculdades ou instituições de ensino superior isoladas. Assim aconteceu com a Universidade de São Paulo, e a Educação Física foi uma das últimas áreas a ser incorporada em sua estrutura, como uma unidade independente (veja o texto de Massucato & Barbanti neste volume).

Naturalmente, o processo de incorporação de uma faculdade isolada a uma universidade integrada traz uma série de dificuldades e desafios institucionais a serem vencidos. Em relação às atividades-fim, o ensino e a extensão podem, em princípio, não sofrer grandes transformações e se ajustar, sem muitos transtornos, às exigências básicas da nova realidade. Pode-se dizer que essas duas atividades não começam “do zero” quando ocorre a incorporação. Todavia, com a pesquisa é totalmente diferente. Como as faculdades isoladas, normalmente, não possuem tradição em pesquisa, a sua incorporação por uma universidade acaba provocando uma verdadeira “convulsão” no seu interior. De repente, surge a exigência de se fazer pesquisa, o que coloca o corpo docente frente a um desafio jamais vivenciado. Mais do que isso, dependendo da resposta a essa situação, a instituição pode experimentar uma espécie de bifurcação no seu processo de desenvolvimento. Se os desafios forem enfrentados com seriedade, determinação, inteligência e ousadia, o caminho para o sucesso no novo universo estará sendo pavimentado. Caso contrário, o fracasso será eminente, com o risco de não ser reconhecida como uma unidade merecedora de um lugar na sua estrutura. Cabe indagar: a Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - EEFEUSP já passou por esse ponto de bifurcação? Em caso afirmativo, qual foi o caminho escolhido?

O presente trabalho não tem a pretensão de conduzir uma análise detalhada do processo vivido pela Escola de Educação Física e Esporte no campo da pesquisa, nesses 30 anos,

após a sua incorporação pela Universidade de São Paulo. Pretende apenas descrever e discutir alguns fatos marcantes que caracterizaram essa trajetória institucional (veja também, Manoel, em texto submetido à publicação) e identificar alguns desafios que necessitam ser enfrentados num futuro próximo. Na realidade, debater a trajetória da EEFEUSP no campo da pesquisa, nesse período, confunde-se com a discussão da própria trajetória acadêmica da Educação Física no nosso país, em razão do seu pioneirismo em termos de laboratórios, grupos de estudo e cursos de pós-graduação.

### **FASE INICIAL: FAZENDO O RECONHECIMENTO DO NOVO TERRENO**

Quando foi incorporada à USP, em 1969, a então Escola Superior de Educação Física tinha pouca tradição em pesquisa, e não poderia ser diferente. Desde a sua fundação, a preocupação precípua tinha sido a preparação profissional, ou seja, a formação de professores para a docência no ensino formal. Naquela época, a preparação profissional em Educação Física tinha uma grande ênfase técnica (saber executar para poder ensinar) e pouca formação científica. Isso não acontecia somente no Brasil, mas era uma tendência internacional. Na realidade, a área como um todo pouco conhecimento produzia, pois acreditava que os conhecimentos acadêmico-científicos que precisava para estruturar e oferecer um curso de preparação profissional encontravam-se nas chamadas ciências-mãe, especialmente na área biológica. Caberia à Educação Física, portanto, apenas a responsabilidade de identificá-los, organizá-los e oferecê-los através de um conjunto de disciplinas chamadas de teóricas. Ainda, como os docentes da área não estavam preparados para ministrar os conteúdos dessas disciplinas, a Educação Física “importava” não apenas os conhecimentos, mas também os profissionais de outras áreas para desenvolvê-las. Assim, muitos médicos, psicólogos e pedagogos foram incorporados ao seu corpo docente.

A EEFEUSP não poderia ficar imune a essa situação predominante na Educação Física brasileira e, nessas circunstâncias, era difícil de se esperar por iniciativas mais sistemáticas de pesquisa no seu interior. Entretanto, já havia uma exceção. A Escola possuía um laboratório de pesquisa em efetivo funcionamento denominado

“CIPEF – Centro Integrado de Pesquisa em Educação Física” em que se fazia, basicamente, pesquisas em avaliação fisiológica. Não por coincidência, esse Centro foi criado por um docente de formação médica (Prof. Dr. Mário de Carvalho Pini) e estava sendo coordenado por uma outra docente de mesma formação (Profa. Dra. Maria Augusta Peduti Dal’Molin Kiss) no momento da sua transferência para a USP. Esse Centro teve muita ousadia para aquela época, pois recrutou alunos de Educação Física para treinamento em pesquisa na área de Fisiologia do Exercício, e formou alguns dos pesquisadores que vieram a se tornar lideranças em sua especialidade num futuro não muito distante.

Mas, como diz o velho ditado, uma andorinha não faz o verão. A EEFEUSP não tinha um volume de atividades de pesquisa capaz de livrar a Instituição de um “choque acadêmico” ao ser incorporado por uma estrutura (USP) que historicamente primava pela pesquisa. Considerando-se que, de alguma forma, esse choque ainda atinge a Instituição nos dias de hoje (haja vista o número de processos que retornam da CERT – Comissão Especial de Regime de Trabalho, com “lições de casa”), é possível imaginar a dimensão da responsabilidade e do desafio colocados ao corpo docente naquela época. Certamente, a EEFEUSP deve ter precisado de um certo tempo para o reconhecimento do novo terreno em que tentaria sobreviver e crescer, refazendo-se gradativamente do choque. Acredito que os 10 primeiros anos foram consumidos para se realizar esse reconhecimento.

Interessante observar, no entanto, que se o corpo docente como um todo não tinha formação nem experiência para compreender adequadamente o que dele se esperava em termos de pesquisa, e então responder à altura às demandas da USP, por outro lado, as suas lideranças foram capazes de visualizar os meios necessários para a Instituição enfrentar o desafio, ao menos a médio prazo. Cabe aqui um profundo reconhecimento a essas lideranças que, mesmo não tendo a formação desejada em pesquisa, foram capazes de visualizar duas coisas fundamentais: a) a implantação do curso de pós-graduação e b) o investimento em recursos humanos, enviando vários docentes jovens para o exterior em busca do doutorado.

## SEGUNDA FASE: PREPARANDO O TERRENO

Para implantar um curso de pós-graduação havia, naturalmente, vários pré-requisitos a serem atendidos, além de muita vontade e determinação. O principal era, sem dúvida, a existência de um corpo docente qualificado, não apenas em termos de titulação, mas também em relação à produção intelectual. Como já foi mencionado, não existe pós-graduação se não houver pesquisa. Isso implicava a necessidade de um corpo docente com linhas de pesquisa definidas e em efetivo desenvolvimento. Era preciso também um mínimo de infra-estrutura, especialmente de biblioteca e laboratórios (hoje seria essencial, além desses dois itens, os recursos de informática).

Caso fosse indagado se a EEFEUSP já preenchia esses requisitos básicos mínimos no momento da implantação do mestrado, a resposta seria claramente não. Mas, como foi então possível? Acredito ter sido possível pela visão futurística e ousada de suas lideranças e, principalmente, pelo fato de a Escola estar inserida numa universidade integrada como a USP. Sem a sensibilidade da USP em reconhecer a importância histórica que isso representava, e a sua disponibilidade para colaborar com o empreendimento através do envolvimento de outras unidades de áreas correlatas, não teria sido possível ver implantado, em suas dependências, o primeiro curso de mestrado em Educação Física no país (para maiores detalhes, ver o texto de Amadio neste volume).

A implantação do mestrado permitiu, num primeiro momento, uma melhor qualificação acadêmico-científica do próprio corpo docente e abriu a possibilidade de continuidade de formação em nível de doutorado. Foi o que aconteceu com vários docentes que, no final da década de 70, aproveitando-se da política de recursos humanos do Ministério da Educação e Cultura que incentivava os docentes universitários a buscar formação no exterior, receberam bolsas de estudo para fazer o doutorado, particularmente nos Estados Unidos da América do Norte. Alguns conseguiram bolsas não apenas para o doutorado mas também para o mestrado.

Embora 10 anos já tivessem transcorrido, desde a sua incorporação pela USP, quando o curso de pós-graduação foi implantado, pode-se afirmar que foi essa a iniciativa que de fato introduziu a EEFEUSP na Universidade,

viabilizando uma maior interação com a comunidade acadêmico-científica (Tani, 1996). Essa abertura intensificou o fluxo de idéias, conhecimentos e tecnologias que foram fundamentais para criar-se uma consciência institucional para a necessidade de pesquisa, além de possibilitar um melhor conhecimento de outras instituições, especialmente de áreas correlatas, onde muitos docentes foram mais tarde realizar também os seus estudos de doutorado.

Com esses três acontecimentos, ou seja, a implantação do curso de pós-graduação, o envio de vários docentes para o exterior para obter o doutorado e o engajamento de outros docentes nos cursos de doutorado em unidades da própria USP, pode-se dizer que foi concluída a fase de preparação do terreno para a implantação de uma base de pesquisa no interior da Instituição.

### **TERCEIRA FASE: PLANTANDO AS PRIMEIRAS SEMENTES**

O regresso de doutores formados no exterior pode ser visto como um marco fundamental na vida institucional no campo da pesquisa. Novas concepções de Educação Física, academicamente orientadas e cientificamente mais sólidas, foram introduzidas. Isso deu um grande impulso à pesquisa, estimulando a criação de novos laboratórios e grupos de pesquisa (Tani, 1996). Com isso, imprimiu-se também uma nova dinâmica na pós-graduação tornando possível uma formação baseada no lema “aprender a pesquisar fazendo pesquisa”, com a participação efetiva do aluno não só no seu projeto particular, mas em projetos coletivos desenvolvidos pelo laboratório como um todo.

Com a implantação dos novos laboratórios, as primeiras sementes foram efetivamente plantadas visando à formação de uma base de pesquisa institucional. Era o que a EEFEUSP precisava para se firmar como uma instituição no seio da Universidade. Vários textos publicados nesse volume especial relatam o processo evolutivo dos diferentes laboratórios atualmente em funcionamento. A descrição dos avanços experimentados por cada um desses laboratórios faz entender que a EEFEUSP alcançou um estágio de amadurecimento acadêmico-científico que não deixa dúvidas quanto à pertinência dela estar inserida numa universidade de pesquisa do porte da USP, e possibilita também

inferir que o investimento valeu a pena. Não há dúvida sobre os avanços acadêmico-científicos ocorridos na EEFEUSP. Ela é uma referência em todo o país exatamente pela sua produção na área de pesquisa. O mesmo, infelizmente, não pode ser dito em relação à Educação Física no país como um todo. No meu entender, ela ainda não justificou a sua presença na universidade (Tani, 1988, 1989, 1996).

Todavia, esse quadro otimista da EEFEUSP oculta, no meu entender, um problema fulcral que afeta tudo que se faz na instituição e se refere à identidade acadêmica e profissional da área. Na realidade, esse não é um problema específico de uma instituição, mas histórico da área de Educação Física. Mais do que isso, constitui-se um problema que muitas áreas já consolidadas enfrentaram no início da sua estruturação. Para melhor entendê-lo é necessário perguntar se as pesquisas fomentadas por esses laboratórios, no seu conjunto, tinham como “background” uma identidade inequívoca da Educação Física como uma área de conhecimento, ou, se não, contribuíram efetivamente para a sua construção. As dúvidas que ainda persistem no ensino de graduação e de pós-graduação, nos serviços de extensão à comunidade e na própria estrutura organizacional dos departamentos mostram que isso não ocorreu, o que nos remete à necessidade de questionar que sementes foram trazidas do exterior e plantadas na EEFEUSP.

Evidentemente, a concepção de Educação Física que cada docente trouxe do exterior reflete o processo de treinamento intelectual a que foi submetido no doutorado, e este, por sua vez, todo o clima acadêmico prevalecente em cada país. Como tivemos doutores formados em diferentes países (por exemplo, EUA, Alemanha, Japão), era de se esperar uma certa heterogeneidade nas concepções, apesar de a comunicação acadêmico-científica internacional não mais conhecer fronteiras, permitindo acesso a informações de diferentes países. É preciso ponderar também que, muitas vezes, as exigências de dedicação num curso de doutorado não permitem muito aprofundamento nas discussões fora das suas preocupações específicas de pesquisa. Existe sempre o risco do doutorado contribuir para a formação de um pesquisador que é um profundo conhecedor da árvore de suas preocupações acadêmico-científicas, mas pouco da floresta em que essa árvore está inserida.

Em termos práticos, o que ocorreu é que cada doutor criou o seu laboratório de acordo

com a sua visão particular, sem se preocupar com a estrutura macroscópica da área e as metas gerais da instituição. Não houve oportunidade para uma discussão conjunta da “floresta” e os laboratórios foram estruturados sem que as lideranças tivessem nem mesmo explicitado as suas concepções de Educação Física. O interessante é que o momento (início da década de 80) era propício para tais discussões, pois a questão da identidade acadêmico-científica da área estava na ordem do dia das discussões no cenário internacional. Quais eram, então, essas discussões? Como esse assunto já foi objeto de minhas reflexões (Tani, 1988, 1989, 1996, 1998), será abordado, nesse texto, apenas os pontos centrais do problema. Para maiores detalhes, é sugerida a leitura dos originais.

A Educação Física tem uma tradição relativamente longa como uma prática profissional e como um curso de preparação profissional. Mas, a ênfase à preparação profissional e, conseqüentemente, ao ensino no âmbito universitário, em detrimento da pesquisa, inibiu uma preocupação mais sistemática com a estruturação de um corpo de conhecimentos que fornecesse sustentação teórica e científica à prática e à preparação profissional. Como se sabe, a ausência do suporte de um corpo de conhecimentos devidamente estruturado coloca em cheque não apenas a autenticidade de uma profissão, mas também a sua própria sobrevivência (Lawson, 1984; Morford, 1972; Tani, 1989, 1996, 1998). Numa profissão academicamente orientada, ou seja, aquela em que o exercício profissional pressupõe uma formação em nível superior, é imprescindível a existência desse corpo específico de conhecimentos. Caso contrário, melhor caracterizaria uma profissão técnica para a qual a formação pertinente seria um curso profissionalizante de ensino médio.

Se a formação de um profissional em Educação Física (atualmente também em Esporte) implica um curso de preparação profissional em nível superior, devidamente fundamentado num corpo de conhecimentos acadêmico-científicos, torna-se relevante questionar como esse corpo de conhecimentos tem sido produzido e sistematizado historicamente. Além disso, a justificativa da pertinência ou não da Educação Física permanecer na universidade depende fundamentalmente das respostas que se tem a esses questionamentos.

Como já foi mencionado, a Educação Física acreditou, por longo tempo, que os conhecimentos acadêmico-científicos de que precisava vinham das chamadas ciências-mãe,

quando, na realidade, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Fisiologia, entre outras, nunca se preocuparam em produzi-los. A Educação Física apoiava-se, portanto, numa muleta falsa e estava, de fato, esvaziada de conteúdo. Ela própria pouco conhecimento produzia e, dessa forma, não justificava a sua presença no ensino superior, como um curso de preparação profissional academicamente orientado, muito menos na universidade como uma área de conhecimento (Tani, 1988, 1989, 1996). Evidentemente, isso não quer dizer que os conhecimentos produzidos por essas áreas não sejam relevantes para alguém que quer se formar em Educação Física. O problema é a ausência do corpo específico de conhecimentos da área que é essencial. Lembro-me de alguns fatos pitorescos de minha formação profissional que podem ser utilizados para ilustrar o problema. Quando, na disciplina de Fisiologia do Exercício, tive contato com os conhecimentos acerca do funcionamento do sistema nervoso humano, especificamente da sinapse nervosa, falei comigo mesmo: “Yes, aí está o conhecimento científico da Educação Física!”. E isso aconteceu com algumas outras disciplinas chamadas de teóricas. O problema é que embora esse tipo de conhecimento seja importante para o profissional de Educação Física, ele é tão básico que deve fazer parte da formação geral de qualquer cidadão em nível de ensino fundamental e médio. Assim como é a análise sintática em Português ou a equação de segundo grau em Matemática.

Esse panorama começou a ser mudado, no âmbito internacional, nos meados da década de 60, quando, nos EUA, iniciou-se um movimento para caracterizar e estruturar a Educação Física como uma disciplina acadêmica (Henry, 1964; Rarick, 1967). Esse movimento, que ficou conhecido como o movimento disciplinar da Educação Física, teve repercussões em vários países, inclusive no nosso. Duas possíveis estruturas foram propostas e discutidas para o desenvolvimento de pesquisas em Educação Física, uma de caráter interdisciplinar e outra transdisciplinar. De acordo com Brooks (1981), a estrutura interdisciplinar significa que a área está baseada nos conhecimentos fornecidos por várias outras disciplinas, implicando uma certa dependência a elas. Dentro dessa configuração, a Educação Física caracterizar-se-ia pela aplicação dos conhecimentos de Antropologia, Sociologia, Psicologia, Fisiologia, Anatomia, e assim por diante, a problemas específicos da área como atividade física, exercício, jogo, esporte e outros.

Várias sub-áreas de investigação emergiram dentro dessa configuração como, por exemplo, a Psicologia do Esporte, a Sociologia do Esporte e a História do Esporte.

Numa estrutura transdisciplinar, a Educação Física seria constituída de certas porções dessas disciplinas tradicionais e caberia a ela integrá-las e ampliá-las. Não implicaria, portanto, uma dependência a elas. Seria uma disciplina de identidade própria, cujo o foco de atenção seria o estudo do movimento humano, no sentido amplo, mediante uma série de estudos organizados horizontalmente, assim como verticalmente, em profundidade (Henry, 1978).

No interior desse movimento disciplinar da Educação Física houve intensas discussões e debates em relação às vantagens e desvantagens de cada uma dessas estruturas. Em termos de pesquisa, a estrutura interdisciplinar mostrava-se mais prática para o momento, pois implicava a utilização de metodologias já consagradas em outras áreas para estudar problemas específicos da Educação Física. Como a preocupação central era a busca do “status” acadêmico o mais rápido possível, essa estrutura revelava-se mais atraente. A estrutura transdisciplinar, por outro lado, além da definição de uma base epistemológica, implicava a construção de metodologias próprias de investigação, o que exigia, evidentemente, mais tempo para ser implantada e implementada.

Entretanto, a estrutura interdisciplinar foi alvo de muitas críticas (por exemplo, Lawson & Morford, 1979). Em primeiro lugar porque ela implica uma dependência que poderia resultar, em última instância, numa cooptação das sub-áreas de pesquisa da Educação Física por outras áreas, por exemplo, da Psicologia do Esporte pela Psicologia, da Sociologia do Esporte pela Sociologia e assim por diante. Isso não traria nenhuma contribuição para a estruturação e o desenvolvimento da Educação Física como uma área de conhecimento. Ao contrário, traria ambigüidades em relação a exercício profissional, provocando disputas corporativas de mercado de trabalho. Em segundo lugar, a estrutura interdisciplinar poderia resultar num acúmulo de conhecimentos desconexos em razão da ausência de uma orientação no sentido da integração horizontal ou temática de conhecimento.

Na realidade, o movimento disciplinar da Educação Física não seguiu, rigorosamente, uma ou outra estrutura, e isso contribuiu para dificultar a construção de uma

identidade acadêmica claramente definida. O importante era fazer pesquisa, elevar o “status” acadêmico e justificar a sua presença na universidade, muito mais do que discutir e definir critérios que orientassem a produção e a organização de conhecimentos, de forma que uma identidade acadêmica fosse construída, evidenciando a natureza da área.

Para a análise do desenvolvimento da pesquisa na EEFEUSP, o importante é o reconhecimento de que o movimento disciplinar da Educação Física, que se iniciou nos EUA, atingiu concretamente a Instituição no início da década de 80, com o retorno dos doutores do exterior que estruturaram os novos laboratórios e grupos de pesquisa. Todavia, acredito que esse empreendimento não ocorreu de forma consciente, com o devido conhecimento do conteúdo desse movimento e a necessária reflexão sobre as possíveis conseqüências de sua implantação. Em outras palavras, plantou-se sementes de árvores conhecidas, provenientes de uma floresta desconhecida.

#### QUARTA FASE: O QUE ESTAMOS COLHENDO

O movimento disciplinar concebia a Educação Física como uma área de estudo relacionada com a investigação da natureza e significado do movimento humano em suas várias formas e também com o estudo não só do como, mas do porquê da atividade física (Kroll, 1982). O seu desenvolvimento caracterizou-se por uma especialização cada vez mais intensa dos temas de investigação, resultando na criação de várias sub-disciplinas, cada qual com seus objetivos e preocupações acadêmicas específicos. Essas sub-disciplinas organizaram-se de tal forma a criar suas associações próprias, seus congressos específicos e seus veículos de publicação especializados (Tani, 1996).

Como a meta principal era a obtenção do “status” acadêmico, mais do que a produção de conhecimentos que dessem sustentação à prática profissional, pesquisas básicas que procuravam compreender o fenômeno movimento humano foram privilegiadas, especialmente naquelas sub-disciplinas em que o método das ciências naturais e exatas era empregado. O resultado concreto desse investimento foi um inegável avanço acadêmico-

científico, evidenciado, entre outras coisas, pelo aumento significativo no volume de pesquisas realizadas, número de periódicos criados, quantidade de eventos científicos realizados e número de publicações, até mesmo em periódicos de reputação em áreas de maior tradição acadêmica.

Tudo isso tem se repetido na Educação Física brasileira e na EEFEEUSP, em particular. Os avanços científicos freqüentemente apontados e enaltecidos como aqueles que têm elevado o "status" acadêmico da área têm ocorrido, basicamente, nas sub-disciplinas de investigação de característica básica como a Bioquímica do Exercício, a Fisiologia do Exercício, a Biomecânica, o Controle Motor, a Aprendizagem Motora, o Desenvolvimento Motor, a Psicologia do Esporte e, mais recentemente, nas sub-disciplinas que compõem os Estudos Sócio-Culturais do Movimento Humano.

Embora haja o reconhecimento de que o movimento disciplinar foi bem sucedido nos seus propósitos, dois sérios problemas foram a ele atribuídos: a fragmentação do conhecimento e o abandono do estudo de temas profissionalizantes. Como esse assunto foi também objeto de minhas reflexões em estudos anteriores (Tani, 1989, 1996, 1998), passo a abordar apenas as partes mais relevantes para os propósitos desse trabalho.

O movimento disciplinar acreditou, inicialmente, que as pesquisas desenvolvidas nessas sub-disciplinas pudessem contribuir para a formação de um corpo integrado de conhecimentos que desse uma identidade acadêmica à área e uma sustentação teórica à prática e à preparação profissional. Entretanto, o que se observou foi uma fragmentação do conhecimento (Hoffman, 1985; Tani, 1988; Thomas, 1987) com cada sub-disciplina preocupada em estudar problemas crescentemente específicos, sem articulação entre elas. A especialização progressiva é um processo de certo modo inevitável nas chamadas ciências básicas de orientação vertical. Nas ciências aplicadas, ao contrário, o que se requer é síntese e integração de conhecimentos. A fragmentação do conhecimento pode ter diferentes implicações dependendo de como se identifica a Educação Física: uma área de pesquisa básica, aplicada ou ambas. Como essa identificação ainda não existe, assiste-se a uma disputa entre os defensores da Educação Física como uma área acadêmica (científica) ou como uma área profissional (de intervenção).

Infelizmente, a fragmentação do conhecimento já atinge o nosso país. A maioria dos nossos laboratórios está estruturada segundo orientações do movimento disciplinar. Na EEFEEUSP não é diferente. As disciplinas curriculares, tanto dos cursos de Graduação como de Pós-Graduação, mantêm correspondência com essa forma de produção de conhecimentos (veja o texto de Manuel & Tani, neste volume). Associações científicas específicas de cada sub-área têm sido criadas, e cada uma delas tem realizado eventos científicos específicos e editado publicações também específicas. Por exemplo, a Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, a Sociedade Brasileira de Biomecânica e o Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Pouca comunicação tem existido entre as sub-áreas, e pior ainda, dentro de cada sub-área formam-se grupos ainda menores e fechados para investigar problemas crescentemente específicos.

O problema do abandono de pesquisas profissionalizantes também se observa em nosso meio. São poucos os pesquisadores das sub-disciplinas acima referidas que têm preocupações ou estão envolvidos com estudos de temas profissionalizantes de cunho aplicado. Há porém, um fator atenuante na Educação Física brasileira que merece ser ressaltado. De certa forma, esse problema tem se manifestado de forma menos dramática em nosso meio por termos um contingente relativamente grande de pesquisadores com doutorado em áreas correlatas de natureza aplicada interessados em estudar problemas relevantes encontrados na prática da Educação Física. Todavia, se indagarmos se esses pesquisadores profissionalmente orientados já têm conseguido estabelecer uma base sólida de pesquisas capaz de evidenciar um corpo articulado de conhecimentos aplicados, a resposta é claramente negativa.

Excetuando-se as abordagens filosóficas sobre a função, o significado e os objetivos da Educação Física, além das tradicionais pesquisas em análise do ensino e análise do comportamento de professores e administradores - em sua maioria caracterizadas como pesquisas de análise descritiva da situação - não foram ainda desenvolvidas linhas de pesquisa claramente definidas, objetivando uma investigação sistemática de temas profissionalizantes relevantes para que os seus resultados pudessem ser colocados à disposição e à discussão dos cursos de preparação profissional. Tem faltado um esforço mais sistemático no sentido de se conduzir estudos

empíricos para buscar evidências que suportem as idéias e pensamentos apresentados. Nesse sentido, o Laboratório de Pedagogia do Movimento Humano da EEFUEUSP tem um grande desafio à frente.

Para esses pesquisadores de orientação profissionalizante, as necessidades correntes e futuras da profissão devem estabelecer as perguntas a serem formuladas e investigadas. Muitos desses pesquisadores doutoraram-se na Educação, daí a sua preocupação com problemas encontrados na prática pedagógica em escolas (veja, por exemplo, Bracht, 1993), embora reduzir pesquisas profissionalizantes da Educação Física a problemas pedagógicos em escolas tenha sido criticado como demasiadamente restritivo (Betti, 1996). Afinal, uma das maiores transformações observadas nesses últimos tempos foi a expansão das possibilidades de atuação profissional no mercado de trabalho, fora da Educação Física escolar.

Além da existência de um número significativo de pesquisadores preocupados com aspectos profissionalizantes, um outro elemento que tem atenuado o problema é que a convivência entre estes e aqueles envolvidos com pesquisas sub-disciplinares (a par de certas farpas lançadas ocasionalmente) tem sido pacífica em nosso meio. Como revela a literatura, o mesmo não pode ser dito em relação aos EUA, por exemplo, onde a disputa continua muito acirrada (veja, por exemplo, as reações ao artigo de Newell, 1990).

Todavia, não estamos livres de disputas, como não poderíamos mesmo estar. Há um outro nicho de discórdia dentro da Educação Física brasileira em que o caldeirão está um pouco mais aquecido. A ausência de uma estrutura que oriente os diferentes conteúdos e formas de investigação tem contribuído para disputas em torno de pesquisas em Educação Física serem realizadas numa concepção de ciências naturais ou humanas e sociais. E isso tem sido acompanhado de uma boa dose de ideologização e politização das discussões. Como as sub-áreas de investigação que adotam concepções e metodologias das ciências naturais são identificadas como alinhadas à corrente epistemológica positivista, são sistematicamente alvo de críticas daqueles que se identificam com correntes não-positivistas, ou seja, a fenomenológica, a hermenêutica e, mais especificamente, a histórico-crítica.

O inverso também é verdadeiro, pois as sub-áreas sócio-culturais que adotam concepções e metodologias das ciências humanas e

sociais são alvo de críticas de que suas pesquisas não passam de discursos e opiniões desprovidos de qualquer verificação, ou ainda, de que elas não têm sido capazes de ir além das discussões filosóficas genéricas para apresentar perspectivas concretas de pesquisa que enfoquem o fenômeno em si através de linhas de pesquisa devidamente delineadas. Nessa disputa, percebe-se uma certa ingenuidade em se pretender resolver na Educação Física diferenças que nem a ciência nem a filosofia foram ainda capazes de resolver (se é que serão resolvidas). Mas tudo indica que, na EEFUEUSP, essa disputa em torno de uma melhor identificação da Educação Física com as ciências naturais ou humanas e sociais ocorre no âmbito estritamente acadêmico-científico.

Pelo exposto, fica evidenciado que o problema central da Educação Física, a partir do qual grande parte dos seus problemas atuais deriva, é a ausência de uma identidade clara enquanto área de conhecimento. Dessa forma, a definição de uma estrutura acadêmica que oriente e organize a produção de conhecimentos, dando uma identidade à área em primeiro lugar e, em segundo lugar, a sua consolidação através de pesquisas científicas abrangentes e profundas, constituem necessidades imperativas para o seu desenvolvimento. No nosso entender, as atividades de pesquisa na EEFUEUSP têm sido realizadas sem essas preocupações em mente e, se assim continuar, corremos o risco de colher mais incertezas e aumentar ainda mais as ambigüidades existentes que colocam em cheque a autenticidade e a sobrevivência acadêmica e profissional da área. Trazer à discussão uma proposta de definição de identidade da área, já apresentada em trabalhos anteriores (Tani, 1996, 1998), é o que se pretende nessa parte final do texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um importante desafio se coloca à Educação Física brasileira: ou continuamos assim, seguindo os mesmos caminhos trilhados e os percalços experimentados pela área em outros países, ou optamos por um salto qualitativo, o que implica algumas ações como evitar o aprofundamento das disputas em torno de sua caracterização como área acadêmica ou profissional, discutir seriamente a não intensificação da fragmentação do conhecimento, buscar consenso em relação à nomenclatura da área, enfim, definir uma identidade que possa



orientar a produção, a sistematização, a disseminação e a aplicação de conhecimentos. A EEFEUSP tem, seguramente, um importante papel a desempenhar nesse processo.

A proposta que ora apresento tem como característica fundamental fazer-se uma distinção clara entre uma área preocupada com aspectos acadêmicos acerca de um objeto de estudo denominado movimento humano e áreas preocupadas com o estudo de aspectos profissionalizantes e aplicados do mesmo objeto de estudo. No meu entender, muitas divergências que ocorrem na área quando se discute a sua identidade emanam dessa não diferenciação. Diferenciar é um passo essencial para ver claramente as relações, pois discutir relações entre coisas ambíguas é sabidamente uma tarefa sem fim. Por analogia, diferenciar entre Fisiologia e Medicina, Física e Engenharia, Zoologia e Zootecnia, é fundamental para compreender-se as relações entre elas.

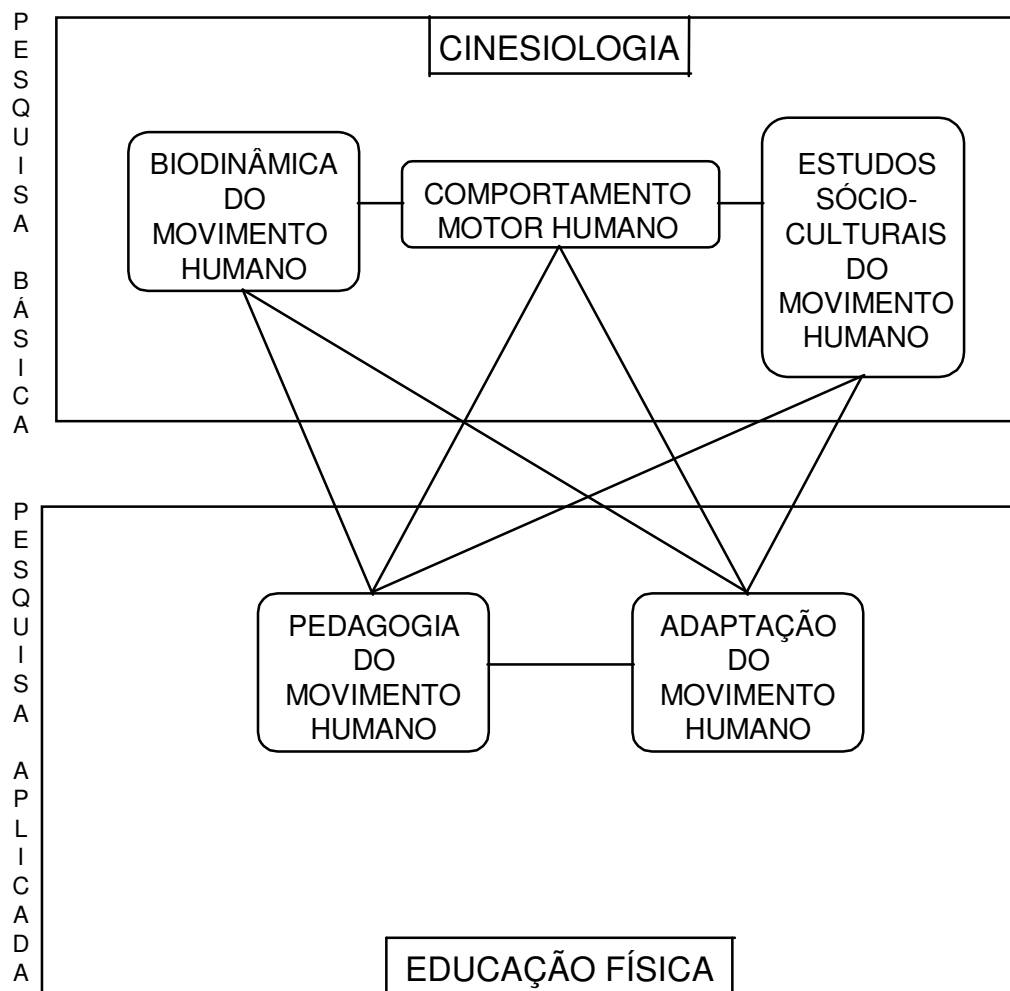
Assim, foi identificada uma área de conhecimento, denominada de Cinesiologia, cujo objeto de estudo é o movimento humano, com foco de preocupações no estudo de movimentos genéricos - postura, locomoção, manipulação - e específicos do esporte, exercício, ginástica, jogo e dança. A Cinesiologia teria uma estrutura transdisciplinar (Henry, 1978; Lawson & Morford, 1979; Renson, 1989; Rose, 1986) e seria constituída de três grandes sub-áreas de investigação, quais sejam, a Biodinâmica do Movimento Humano, o Comportamento Motor Humano e os Estudos Sócio-Culturais do Movimento Humano. Ela procuraria compreender, de forma abrangente e profunda, o movimento humano, por meio de pesquisa básica em múltiplos níveis de análise, desde o mais microscópico (por exemplo, o bioquímico) até o mais macroscópico (por exemplo, o antropológico).

Numa visão mais integrativa e sistêmica de ciência, já com preocupações de evitar a crescente especialização e fragmentação, essas sub-áreas incorporariam as diferentes especialidades hoje existentes para fomentar uma maior comunicação interna e estimular a realização de estudos integrativos e temáticos. A Biodinâmica do Movimento Humano englobaria a Bioquímica do Exercício, a Fisiologia do Exercício, a Biomecânica e a Cineantropometria. O Comportamento Motor Humano, por sua vez, incorporaria o Controle Motor, a Aprendizagem Motora, o Desenvolvimento Motor e a Psicologia do Esporte. Finalmente, a sub-área de Estudos Sócio-Culturais do Movimento Humano reuniria a

Sociologia, a História, a Antropologia, a Filosofia, a Ética e a Estética do Movimento Humano/Esporte (FIGURA 1).

Essa abrangência de estudos, dos níveis mais microscópicos até os mais macroscópicos, faz com que a Cinesiologia transcenda os limites das disciplinas tradicionais verticalmente organizadas o que traz dificuldades em relação à sua identidade epistemológica e metodológica, pois a pluralidade se apresenta como uma característica inerente e como uma condição indispensável para o sucesso do empreendimento. Por outro lado, ela tem o privilégio de ser uma das poucas áreas, na ciência como um todo, em que há uma perspectiva concreta de integrar conhecimentos e descobertas de várias disciplinas em torno de um mesmo objeto de estudo (Park, 1991).

Para que a Cinesiologia seja bem sucedida, é fundamental a compreensão de que, em cada nível de análise, existem epistemologias e metodologias adequadas (veja, por exemplo, Arnold, 1993; Estes, 1994; Park, 1991), mesmo que de forma provisória, característica essa inerente à evolução científica. Se, por exemplo, a fenomenologia e a hermenêutica são consideradas abordagens epistemológicas e metodológicas apropriadas para se estudar fenômenos macroscópicos em nível sócio-cultural de análise, a abordagem experimental tem mostrado sua eficácia nos estudos em níveis mais microscópicos. Certamente, a possibilidade de sucesso da abordagem hermenêutica é remota na Bioquímica do Exercício, assim como da abordagem experimental na Antropologia do Jogo. Além disso, apesar de intimamente relacionadas, é importante distinguir-se epistemologia reducionista e metodologia reducionista. A busca da relação causa-efeito simples, proposição básica do reducionismo, tem-se mostrado limitada no estudo de sistemas não-lineares, o que remete à necessidade de uma mudança paradigmática nas pesquisas básicas. Entretanto, as limitações do reducionismo como metodologia têm sido também impostas pelo próprio estágio de desenvolvimento da ciência e tecnologia. Muitas vezes, a natureza do problema a ser investigado sugere prontamente uma epistemologia mais adequada, mas não os detalhes metodológicos necessários para a operacionalização do estudo. Por exemplo, o problema da avaliação da veracidade de uma particular interpretação constitui-se uma das grandes dificuldades em estudos sócio-culturais (Harris, 1981).



**FIGURA 1** - Cinesiologia e educação física (Tani, 1996).

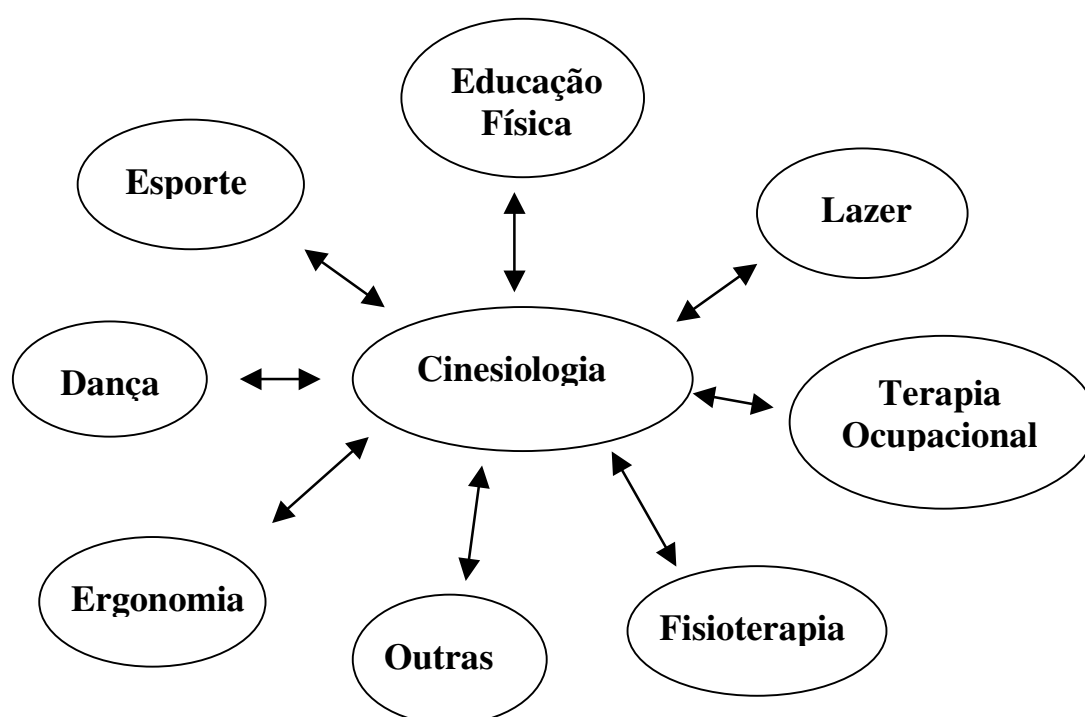
Importante ressaltar que as pesquisas desenvolvidas em Cinesiologia seriam de natureza básica, ou seja, sem preocupação com a solução de problemas práticos. Os conhecimentos por ela produzidos poderiam ser utilizados em pesquisas aplicadas não apenas pela Educação Física e Esporte, e possivelmente pela Dança e Lazer no futuro, mas também por outras áreas aplicadas que necessitariam de conhecimentos acerca do fenômeno movimento humano como a Fisioterapia e a Terapia Ocupacional, só para citar algumas

delas (FIGURA 2). Sabe-se que, na prática, a interação entre pesquisadores das áreas básica, aplicada e tecnológica é muito intensa na ciência atual. Todavia, na proposição de uma identidade e estrutura acadêmicas para uma determinada área de conhecimento, é fundamental fazer-se as devidas distinções conceituais.

A Educação Física, por sua vez, caracterizaria uma área de conhecimento eminentemente aplicada, de preocupação pedagógica e profissional, cujos conhecimentos

serviriam de base para a elaboração e desenvolvimento de programas de Educação Física em nível formal (escolar) e não formal (não escolar). Assim, ficaria claramente caracterizada a distinção e as relações entre a Cinesiologia e a Educação Física. A Educação Física estudaria academicamente os aspectos pedagógicos e profissionais a ela pertinentes através de pesquisas aplicadas. Essas pesquisas implicariam em integração e síntese de conhecimentos produzidos

pela Cinesiologia nas suas três sub-áreas - Biodinâmica do Movimento Humano, Comportamento Motor Humano e Estudos Sócio-Culturais do Movimento Humano - além de uma interação com outras áreas, particularmente a Educação e a Medicina, como tem ocorrido historicamente. É importante ressaltar que a estrutura que está sendo proposta não implica dependência da Educação Física à Cinesiologia mas sim uma forte interação entre elas.



**FIGURA 2** - Cinesiologia e sua relação com outras áreas de conhecimento.

Dois aspectos merecem ser aqui enfatizados. Em primeiro lugar, a necessidade de integração de conhecimentos das três sub-áreas da Cinesiologia, o que torna sem sentido aquela discussão: se a Educação Física deve se orientar por concepções das ciências naturais ou sociais e humanas. Em segundo lugar, os assuntos profissionalizantes necessitam ser academicamente estudados, resultando num corpo de conhecimentos aplicados. Isso contrasta com a idéia que muitas vezes se tem de que a área profissionalizante

caracteriza apenas uma situação, uma instância, ou um campo de atuação profissional em que se tenta aplicar, por tentativa e erro, conhecimentos derivados da pesquisa básica. O que se propõe é uma mediação entre a pesquisa básica e a prática profissional, resultando numa teoria da prática como proposta por Betti (1996) ou num trato acadêmico à arte da mediação visualizada por Lovisolo (1996). Evidentemente, por ser uma área de pesquisa aplicada, os problemas a serem investigados emanam da própria prática e os

estudos visam o seu aperfeiçoamento (Bracht, 1993). As pesquisas seriam mais temáticas, cuja realização envolveria uma interação efetiva entre acadêmicos e profissionais que atuam no mercado de trabalho.

A Educação Física seria constituída de duas sub-áreas: Pedagogia do Movimento Humano e Adaptação do Movimento Humano. A Pedagogia do Movimento Humano já é uma sub-área tradicional que dispensa maiores explicações. A Adaptação do Movimento Humano seria responsável por estudos que procuram produzir conhecimentos que sirvam de base para o desenvolvimento de programas de Educação Física a populações especiais, não só de portadores de deficiências, mas também de gestantes, cardiopatas, diabéticos, asmáticos, obesos e assim por diante (FIGURA 1).

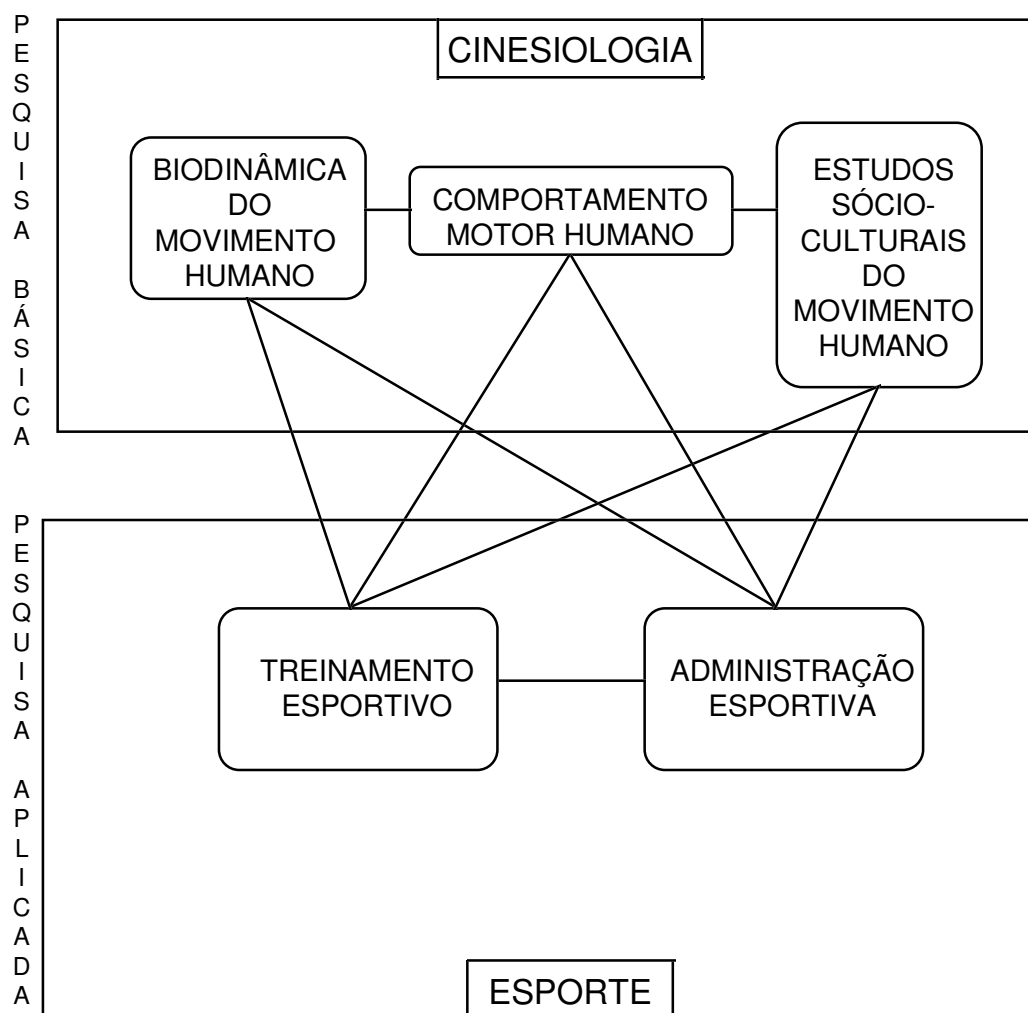
A mesma relação entre Cinesiologia e Educação Física existiria entre Cinesiologia e Esporte (FIGURA 3). O Esporte seria uma área de conhecimento, caracterizada por pesquisas aplicadas de natureza profissionalizante, que busca produzir conhecimentos que sirvam de base para a elaboração e desenvolvimento de projetos e programas de esporte. Cabe aqui um esclarecimento importante. O Esporte pode ser visto como um fenômeno ou uma área de intervenção profissional. O Esporte como fenômeno constitui-se uma das formas de manifestação do movimento humano e, como tal, sua compreensão seria objeto de preocupações da Cinesiologia. Por outro lado, o Esporte, enquanto uma área profissionalizante, caracterizaria uma área de pesquisa aplicada, cuja preocupação seria produzir conhecimentos capazes de solucionar problemas práticos da vida real. Duas sub-áreas de investigação são propostas nessa área: Treinamento Esportivo e Administração Esportiva. Como essas duas sub-áreas já têm uma longa tradição em nosso meio, dispensa maiores explicações.

De acordo com essa proposta, o que seria importante para estimular o fortalecimento e a consolidação da Cinesiologia, da Educação Física e do Esporte? Obviamente, não há receitas mágicas, mas é possível visualizar-se algumas ações necessárias. Em primeiro lugar, seria muito importante que essas áreas se mantivessem em sintonia com os avanços da ciência como um todo e suas próprias discussões epistemológicas, sob pena de ficarem desatualizadas e descontextualizadas. Por exemplo, à luz de avanços observados nas meta-teorias da ciência, discutidos

no texto, uma revisão da busca da relação linear simples causa-efeito de variáveis, proposição básica do reducionismo, está sendo crescentemente exigida na pesquisa básica. Uma alternativa seria investigar o efeito do padrão de interação de variáveis independentes, e não das variáveis individualmente nas variáveis dependentes. Associada a essa mudança, a necessidade de utilização de medidas diversificadas e complementares tem sido enfatizada.

Ainda na visão sistêmica, o crescimento e fortalecimento das três áreas de conhecimento serão consequência do fortalecimento das sub-áreas e suas interações dentro de cada área. Nesse particular, é necessário um maior equilíbrio no desenvolvimento de pesquisas nas sub-áreas que compõem a Cinesiologia. Como se sabe, as sub-áreas de Biodinâmica e Comportamento Motor têm uma história mais longa de pesquisa e a sub-área de Estudos Sócio-Culturais é mais incipiente, necessitando, portanto, de um maior estímulo para fomentar seus estudos. Como nessa área há uma tendência de os pesquisadores optarem por uma concepção não positivista de ciência, muitos estudos sócio-culturais fazem da crítica aos trabalhos desenvolvidos em Comportamento Motor e, especialmente em Biodinâmica, suas preocupações prioritárias. Com isso, não têm apresentado linhas concretas de pesquisa que sejam capazes de ir além das discussões conceituais para focar o fenômeno em si. O Núcleo de Estudos Sócio-Culturais do Movimento Humano da EEFUEUSP tem uma missão muito importante a desempenhar nesse contexto.

Para evitar a fragmentação do conhecimento é necessária, além de reflexões epistemológicas, uma maior comunicação inter e intra sub-áreas de investigação, buscando a realização de trabalhos temáticos com utilização de abordagens integradas. Essa já é uma tendência muito forte em outras áreas do conhecimento e começa a ser observada também na Cinesiologia em centros avançados. Por exemplo, o estudo do mecanismo de controle de movimentos tem envolvido cada vez mais a utilização integrada de conhecimentos, metodologias e esforços de pesquisadores das áreas de Neurofisiologia, Biomecânica e Comportamento Motor (veja, por exemplo, Requin & Stelmach, 1991; Stelmach & Requin, 1992; Swinnen, Heuer, Massion & Casaer, 1994; Zelaznik, 1996).



**FIGURA 3** - Cinesiologia e esporte (Tani, 1996).

A consolidação da Educação Física e do Esporte, como áreas de conhecimento, está na direta dependência da sua capacidade de fomentar pesquisas aplicadas que dêem respostas aos inúmeros problemas e desafios que a prática profissional lhes proporciona. Nesse sentido, se não houver uma “epistemologia da pesquisa aplicada”, o pesquisador corre o risco de perder-se no meio de um turbilhão de problemas e não

produzir conhecimentos passíveis de serem integrados em princípios generalizáveis. Como a pesquisa aplicada é orientada à especificidade do problema, essa dificuldade é, de certa forma, inevitável, mas por isso mesmo aberta a soluções criativas.

Como vimos anteriormente, a pesquisa aplicada envolve a utilização de conhecimentos produzidos pela pesquisa básica.

Uma das propostas para a realização de pesquisas aplicadas que tem-se apresentado é a verificação experimental da aplicabilidade dos conhecimentos, princípios e hipóteses derivados da pesquisa básica, numa situação real de prática profissional (Tani, 1992). Verificar a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos numa situação real ainda não caracteriza uma pesquisa aplicada no sentido clássico da palavra. É um passo intermediário, ainda orientado à teoria, mas já com preocupação de integrar teoria e prática (veja, como exemplos desse tipo de pesquisa, Públio & Tani, 1993; Públio, Tani & Manoel, 1995).

A sub-área de treinamento esportivo é, por exemplo, uma outra área muito favorável às investigações desse tipo. Mas, para isso, é importante entender a diferença entre o ato de aplicar conhecimento na prática e o de produzir conhecimento aplicado. Treinamento esportivo não significa aplicar conhecimentos da Fisiologia, Biomecânica e Psicologia ao treino, mas antes uma área de estudos onde se procura produzir conhecimentos aplicados, por meio da testagem das implicações desses conhecimentos em solucionar problemas práticos.

Espera-se que a proposta apresentada, diferenciando as áreas acadêmica (Cinesiologia) e profissionalizante (Educação Física e Esporte), possa contribuir para uma melhor orientação e organização das pesquisas realizadas na EEFUEUSP e assim fomentar a produção e sistematização de conhecimentos com o objetivo de fortalecer e consolidar as três áreas devidamente identificadas. Isso trará, certamente, um grande impacto também para o ensino, contribuindo para uma melhor caracterização dos dois cursos de bacharelado oferecidos pela Instituição.

O objetivo precípua de um curso de bacharelado é formar profissionais com o domínio do corpo específico de conhecimentos de uma determinada área. O bacharel é um generalista do conhecimento de uma área (Tani, 1997). Na Educação Física brasileira, por puro desconhecimento, há um entendimento equivocado de que o bacharelado forma apenas pesquisadores, ou seja, pessoas com vocação para a carreira acadêmica. Talvez esse equívoco advinha do fato de que no bacharelado existe a expectativa de a disseminação do conhecimento aconteça de maneira que haja não apenas a assimilação do conhecimento como um produto acabado, mas também do próprio processo de produção do conhecimento. Em outras palavras, o bacharelado é orientado a perguntar: de onde vieram os

conhecimentos, como foram produzidos, quais foram as limitações das metodologias utilizadas, até que ponto os conhecimentos são generalizáveis e assim por diante, cultivando uma atitude crítica em relação à aquisição de novos conhecimentos, ou seja, atitude de pesquisador. Certamente, os conhecimentos adquiridos dessa forma não serão conhecimentos “avulsos” a ficar armazenados em algum canto da memória, mas sim conhecimentos refletidos e devidamente processados que contribuem para formar uma estrutura organizada de conhecimentos (Tani, 1999). A outra fonte de equívoco pode estar no fato da Educação Física ter historicamente privilegiado o executar em relação ao conhecer na preparação profissional, fazendo com que o conhecer seja apenas vinculado àqueles que tem interesse em atuar no mundo da pesquisa.

Os conhecimentos de Cinesiologia poderiam compor um núcleo básico comum tanto ao bacharelado em Educação Física como no bacharelado em Esporte e, idealmente, poderiam ser oferecidos nos anos iniciais da formação profissional em ambos os cursos. Um paralelo pode ser traçado com a formação nos diferentes campos da Engenharia, onde, nos anos iniciais, um conteúdo comum com forte ênfase nos conhecimentos básicos de Física e Matemática é oferecido. Da mesma forma em Medicina, onde, nos anos iniciais, os graduandos são “carregados” com conhecimentos básicos em Histologia, Citologia, Anatomia, Fisiologia e assim por diante.

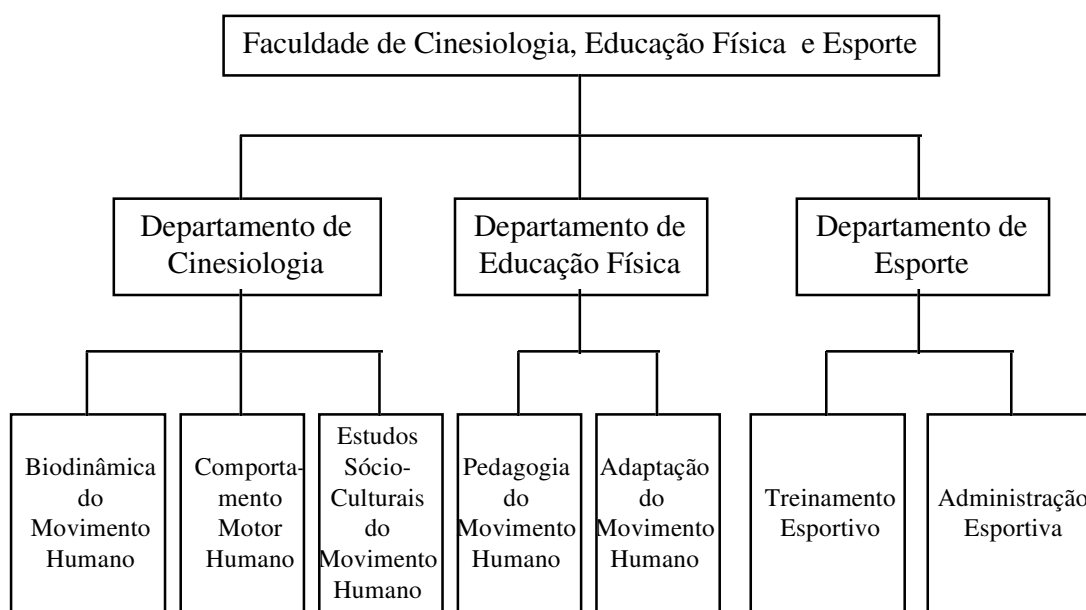
Após essa formação básica, os graduandos receberiam conhecimentos específicos, cada um na sua área escolhida quando do ingresso na universidade. O bacharel em Educação Física teria acesso a conhecimentos produzidos pelas sub-áreas de Pedagogia do Movimento Humano e Adaptação do Movimento Humano, e o bacharel em Esporte aos conhecimentos produzidos pelas sub-áreas de Treinamento Esportivo e Administração Esportiva. Essa formação específica seria complementada com estágios programados e prática de ensino em suas respectivas áreas. Caberia aqui uma discussão sobre a possibilidade da opção por um dos cursos de bacharelado após a conclusão do núcleo básico. Teoricamente, isso seria possível, mas do ponto de vista administrativo seria extremamente complicado para a Instituição, pois correr-se-ia o risco de ter-se dois cursos com número de alunos completamente desbalanceados. Aqueles que defendem essa posição sem muita reflexão, estão, ao meu ver, olhando apenas para um lado do problema. Evidentemente, não podemos esquecer que essa posição também rende

vários pontos no “Ibope” perante o corpo docente. Uma possibilidade de implantar essa dinâmica evitando-se o desequilíbrio no número de alunos nos dois cursos seria dar oportunidade de escolha por ordem de desempenho no núcleo básico. Mas isso traz outros elementos complicadores como, por exemplo, a diferença no método de ensino e, particularmente, no rigor de avaliação adotados numa mesma disciplina oferecida por diferentes docentes nesse núcleo básico. Além disso, pode desencadear um processo de competição por nota que pode se tornar um fim em si mesmo, levando ao esquecimento do objetivo precípua que é a formação profissional. Naturalmente, tudo isso merece estudos profundos antes de qualquer decisão.

No futuro, poder-se-ia pensar na formação de um bacharel em Cinesiologia ou do cinesiólogo. Esse bacharel, com o domínio dos conhecimentos produzidos pelas sub-áreas de

Biodinâmica do Movimento Humano, Comportamento Motor Humano e Estudos Sócio-Culturais do Movimento Humano, estaria colocado numa mesma situação em que se encontra, por exemplo, o bacharel em Química: tendo como instrumento de trabalho o corpo de conhecimento em Química, ele procura atuar em qualquer área profissional onde há espaço para a utilização desse conhecimento. O mesmo ocorreria com o bacharel em Cinesiologia.

Para finalizar, a par dessas especulações futurísticas, é necessário pensar na estrutura administrativa que possibilite uma convivência integrada e produtiva das três áreas - Cinesiologia, Educação Física e Esporte - no interior de uma mesma instituição. A FIGURA 4 traz uma sugestão de organograma para a EEFUEUSP, coerente com a proposta apresentada, com o objetivo de estimular o debate sobre uma nova organização departamental da Instituição.



**FIGURA 4** - Uma sugestão de organograma institucional (Tani, 1996).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADIO, A.C. Os caminhos da pós-graduação “strictu sensu”. *Revista Paulista de Educação Física*, v.13, p.36-41, 1999. Número especial.

ARNOLD, P.J. Kinesiology and the professional preparation of the movement teacher. *Journal of Human Movement Studies*, v.25, p.203-31, 1993.

BETTI, M. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, v.3, p.73-127, 1996.

- BRACHT, V. Educação física/ciências do esporte: que ciência é essa? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, p.111-7, 1993.
- BROOKS, G.A. What is the discipline of physical education? In: BROOKS, G.A., ed. **Perspectives on the academic discipline of physical education**. Champaign, Human Kinetics, 1981. Cap.1, p.3-9.
- ESTES, S. Knowledge and kinesiology. **Quest**, v.46, p.392-409, 1994.
- HARRIS, J.C. Hermeneutics, interpretive cultural research, and the study of sports. **Quest**, v.33, p.72-86, 1981.
- HENRY, F.M. The academic discipline of physical education. **Quest**, v.29, p.13-29, 1978.
- \_\_\_\_\_. Physical education: an academic discipline. **Journal of Physical Education and Recreation**, v.35, p.32-8, 69, 1964.
- HOFFMAN, S.J. Specialization + fragmentation = extermination: a formula for the demise of graduate education. **Journal of Physical Education and Recreation**, v.56, p.19-22, 1985.
- KROLL, W.P. **Graduate study and research in physical education**. Champaign, Human Kinetics, 1982.
- LAWSON, H.A. **Invitation to physical education**. Champaign, Human Kinetics, 1984.
- LAWSON, H.; MORFORD, W. The cross-disciplinary structure of kinesiology and sport studies: distinctions, implications, and advantages. **Quest**, v.31, p.222-30, 1979.
- LOVISOLO, H. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. **Motus Corporis**, v.3, p.51-72, 1996.
- MANOEL, E.J. A dinâmica do estudo e promoção da atividade motora humana: transição de fase na EEFESP? (texto submetido à publicação na Revista Paulista de Educação Física).
- MANOEL, E.J.; TANI, G. Preparação profissional em educação física e esporte: passado, presente e desafios para o futuro. **Revista Paulista de Educação Física**, v.13, p.13-9, 1999. Número especial.
- MASSUCATO, J.G.; BARBANTI, V.J. Histórico da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, v.13, p.7-12, 1999. Número especial.
- MORFORD, W.R. Toward a profession, not a craft. **Quest**, v.18, p.88-93, 1972.
- NEWELL, K.M. Physical education in higher education: chaos out of order. **Quest**, v.42, p.227-42, 1990.
- PARK, R.J. On tilting at windmills while facing armageddon. **Quest**, v.43, p.247-59, 1991.
- PÚBLIO, N.S.; TANI, G. Aprendizagem de habilidades motoras seriadas da ginástica olímpica. **Revista Paulista de Educação Física**, v.7, p.58-68, 1993.
- PÚBLIO, N.S.; TANI, G.; MANOEL, E.J. Efeitos da demonstração e instrução verbal na aprendizagem de habilidades motoras da ginástica olímpica. **Revista Paulista de Educação Física**, v.9, p.111-24, 1995.
- RARICK, G.L. The domain of physical education as a discipline. **Quest**, v.9, p.49-52, 1967.
- RENSON, R. From physical education to kinanthropology: a quest for academic and professional identity. **Quest**, v.41, p.235-56, 1989.
- REQUIN, J.; STELMACH, G.E. **Tutorials in motor neuroscience**. Dordrecht, Kluwer, 1991.
- ROSE, D.A. Is there a discipline of physical education? **Quest**, v.38, p.1-21, 1986.
- STELMACH, G.E.; REQUIN, J. **Tutorials in motor behavior II**. Amsterdam, North-Holland, 1992.
- SWINNEN, S.P.; HEUER, H.; MASSION, J.; CASAER, P., eds. **Interlimb coordination: neural, dynamical, and cognitive constraints**. San Diego, Academic Press, 1994.
- TANI, G. Algumas reflexões sobre o bacharelado em educação física. **Caderno Documentos**, n.3, p.56-70, 1997.
- \_\_\_\_\_. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, v.3, p.9-50, 1996.
- \_\_\_\_\_. Contribuições da aprendizagem motora à educação física: uma análise crítica. **Revista Paulista de Educação Física**, v.6, p.65-72, 1992.
- \_\_\_\_\_. Perspectivas da educação física como disciplina acadêmica. In: SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., Rio Claro, 1989. **Anais**. Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 1989. v.2, p.2-12.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa e pós-graduação em educação física. In: PASSOS, S.C.E., org. **Educação física e esportes na universidade**. Brasília, SEED/MEC/UnB, 1988. p.379-94.
- \_\_\_\_\_. Pós-graduação e iniciação científica. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 7., Florianópolis, 1999. **Anais**. Florianópolis, UDESC/UFSC, 1999. p.46-56.
- \_\_\_\_\_. 20 anos de ciências do esporte: um transatlântico sem rumo? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, p.19-31, 1998. Número especial comemorativo aos 20 anos de Fundação.
- THOMAS, J.R. Are we already in peaces, or just falling apart? **Quest**, v.39, p.114-21, 1987.
- ZELAZNIK, H.N., ed. **Advances in motor learning and control**. Champaign, Human Kinetics, 1996.

ENDEREÇO: Go Tani

EEFEUSP

Av. Prof. Mello Moraes, 65

05508-900 - São Paulo - SP - BRASIL